

De Trollface a Trollge: uma análise intertextual da reprodução memética com convergências entre terror e humor¹

Luiza Tomey NUNES²

Paulo Henrique CAETANO³

Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG

RESUMO

A pesquisa analisa o entrelaçamento dos elementos do gênero terror com os geradores do riso, com o objetivo de ressaltar a importância do reconhecimento da interdiscursividade do meme e, assim, do letramento memético. Para isso, o artigo baseia-se na Análise Crítica do Discurso de Fairclough (2001) para identificar a intenção humorística da reprodução memética Trollge a partir do seu meme base, Trollface. Também se norteia por uma fundamentação teórica baseada em Lévy (1999) e Jenkins (2008), na contextualização digital; Chagas (2021) e Shifman (2014), na compreensão do meme; Bergson (1983), quanto ao humor e paródia; Jentsch (1906), Freud (1990) e Carroll (1999) para o contraste com o uso do terror; e Fairclough (2001) sobre a intertextualidade do discurso.

PALAVRAS-CHAVE: memes; humor; terror; letramento memético; Análise Crítica do Discurso.

INTRODUÇÃO

Os memes são figuras digitais altamente reproduzidas e readaptadas, uma vez que dão abertura à criatividade (SHIFMAN, 2014) e à contribuição dos diversos usuários do ciberespaço (LÉVY, 1999). Ele é um formato discursivo difundido com intenções (CHAGAS, 2021), e cada versão de um meme representa as características de um autor/reprodutor.

O humor é um dos recursos que acompanham a busca pela liberdade de expressão do sujeito. Seu consumo é subjetivo, uma vez que o riso define os grupos de interação por meios das compatibilidades, ou seja, as pessoas que enxergam graça nos mesmos fenômenos tendem a se aproximar por conta disso.

¹ Trabalho apresentado no IJ05 – Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduada no Curso de Comunicação Social (Jornalismo) da UFSJ, e-mail: luizatomey@gmail.com.

³ Orientador do trabalho, docente no Curso de Comunicação Social (Jornalismo) da UFSJ, e-mail: phcaetano@ufsj.edu.br.

Dessas similaridades, surge o desejo de contribuir com o coletivo por meio da produção humorística. Assim, apesar de não serem obrigatoriamente humorísticos, o humor é um grande contribuinte para que os memes viralizem, uma vez que, segundo Bergson (1983), o riso é uma atividade grupal e, na tentativa de manter a comicidade, cria-se a paródia (BERGSON, 1983), que se assemelha ao processo de reprodução memética.

O humor e o terror são fruto de reações semelhantes quanto à mecanicidade da ação humana (CARROLL, 1999) segundo Bergson (1983), sobre o humor, e Jentsch (1906) e Freud (1990), sobre o terror. Por conta disso, figuras independentes que apresentam essas características podem gerar tanto o riso quanto a estranheza, e dependem do contexto em que foram inseridos para determinar qual dessas reações será predominante.

Com isso em mente, a presente pesquisa procura explorar a flexibilidade da reprodução paródica dos memes e a importância do letramento memético para o entendimento pleno desse formato. O objetivo é compreender como a reprodução memética exige um novo tipo de letramento e de experiências digitais específicas para ser devidamente interpretada em seu avanço, identificando o sintoma específico do terror aliado ao humor. Para isso, explora-se o sintoma dos efeitos similares e cooperativos entre o terror e o humor para analisar o meme Trollface, criado em 2009, e sua reprodução memética Trollge, de 2020, que utiliza elementos da estranheza para gerar o riso.

Para a análise, utiliza-se a Análise Crítica do Discurso de Fairclough (2001), uma vez que pretende-se compreender como o contexto de publicação define a intencionalidade do discurso memético. Com a ACD, é possível observar o corpus com base nas informações sobre a origem da postagem, como o sujeito criador ou reprodutor e o local de compartilhamento.

1. Cultura digital, memes e a reprodução memética

O ciberespaço foi conceituado por Pierre Lévy (2003) como um ambiente resultante da conexão dos diversos computadores que formaria, assim, uma inteligência

coletiva baseada no compartilhamento de saberes. A rede on-line permite uma interação social mais rápida, a todo momento e em todo lugar.

Lévy (1999) apresenta, para o aglomerado de informações resultantes dessas interações digitais, a denominação de cibercultura. Ele a define como um “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 17).

Henry Jenkins (2008) vê o ciberespaço de Lévy como o centro de uma cultura de convergência. Jenkins (2008) aborda o consumo coletivo, que incentiva mudanças mercadológicas e culturais na sociedade, uma vez que surgem constantes novas necessidades externas para o consumidor. Ele aponta que “o poder de visibilidade e propagação de informações que a internet tem pode ser uma das razões para que, cada vez mais, narrativas simples passem para outras plataformas” (JENKINS, 2008, p.188). A construção de novos universos e conteúdos é essencial para que uma mídia obtenha sucesso dentro dos parâmetros digitais - ou seja, tenha grandes números de alcance, reproduções e interações.

O meme é um tipo de mídia com grande potencial de viralização. Com cada compartilhamento, ele absorve a realidade e o discurso de seus replicadores (SHIFMAN, 2014). Assim, por sua natureza adaptável, ele tem forte reprodutibilidade e, por ser facilmente adequado às necessidades do consumidor, ele consegue sustentar sua fidelidade ao formato original (JENKINS, 2008).

Com a popularização da internet, a memética passou a ser explorada como um novo tipo de literatura. Viktor Chagas (2021) coloca o meme como “uma fórmula discursiva que materializa expressões culturais, cristaliza imaginários sociais, são difundidos ou postos em circulação e que são capazes de despertar um tipo de engajamento”, com, essencialmente, intencionalidade por trás de sua criação. Portanto, é essencial explorar as intenções que envolvem a sua publicação e reprodução, e os efeitos que o discurso inserido no meme deseja causar.

É importante lembrar que o formato memético não é necessariamente humorístico, mas o humor é um forte influenciador da reprodutibilidade do meme. Bergson (1983) traz que o riso é uma atividade grupal, ou seja, quando se ri, não se ri sozinho. A comicidade é responsável por reunir as pessoas que, em conjunto, se

antagonizam ao objeto risível (BERGSON, 1983). Assim, o meme que provoca o riso tem um grande apoio do aspecto coletivo para a viralização.

Uma vez que o riso é efêmero (BERGSON, 1983), o humor causado pelo meme se esvai quando se torna repetitivo. A partir disso, Bergson (1983) declara que o humor depende da paródia para que algo se mantenha risível por um tempo prolongado. No caso dos memes, é possível associar o formato paródico às diversas adaptações que atravessam o meme original, criando novas versões a partir de um mesmo meme base.

A criatividade provocada por eles, segundo Shifman (2014), é exercitada por meio das réplicas e adaptações, e não necessariamente pela criação de conteúdos totalmente originais. Desse modo, a paródia memética é nada mais que um exercício da criatividade na busca para retomar a comicidade.

2. Humor versus terror - a função do letramento memético

O humor e o terror têm uma fonte semelhante, como aponta Carroll (1999) ao dizer que “Ambos lidam com o grotesco e o inesperado, mas de maneira a provocar duas reações físicas completamente diferentes” (CARROLL, 1999, p. 146, tradução nossa). Assim, Carroll (1999) contrapõe os estudos de Bergson (1983), sobre o riso, com os de Jentsch (1906) e Freud (1990), sobre a “estranheza”.

Bergson (1983) aponta que a comicidade é gerada a partir da mecanicidade humana, ou seja, uma vez que enxergamos mecanicidade em uma pessoa ou em um padrão, o riso é motivado pela disrupção desse padrão ou pelo fator de inadequação. Essa também é, no entanto, uma característica geradora do desconforto e, assim, do terror, como apontou Jentsch (1906), aprofundado posteriormente por Freud (1990).

Os autores apontam que o medo parte da sensação de perigo gerada pelo estado fantasioso, que acaba sobressaindo à realidade. Para Jentsch (1906), “a razão de uma pessoa pode ser especialmente reduzida por culpa de uma proliferação repentina de fantasia, e, como consequência, a realidade se confunde de forma mais ou menos consciente” (JENTSCH, 1906, p. 5). Assim, essas fantasias são projetadas nas possibilidades, ou seja, na dúvida, que sobrepõe a razão, de que as projeções sejam verdadeiras, como acontece sobre os objetos inanimados, como os autores trazem.

Jentsch tomou como ótimo exemplo ‘dúvidas quanto a saber se um ser aparentemente animado está realmente vivo; ou, do modo inverso, se um objeto sem vida não pode ser na verdade animado’; e ele refere-se, a esse caso, à impressão causada por figuras de cera, bonecos e autômatos engenhosamente construídos (FREUD, [1919] 1990, p. 284).

Dessa forma, a mecanicidade do ser é uma forma de despertar a fantasia do “morto-vivo” e, para o terror, é considerado um causador de desconforto.

Portanto, salienta-se que o humor e o terror não são confundíveis, e apresentam características próprias e tendências que os diferenciam. Carroll (1999) define, por exemplo, que o terror precisa da existência de um monstro. Para ele, “monstros são criaturas - ficcionalmente formadas a partir de histórias sobrenaturais ou de algo aproximado à ficção científica - cuja existência a ciência contemporânea desafia” (CARROLL, 1999, tradução nossa).

No entanto, o humor pode emprestar algumas de suas características ao terror e vice-versa, como apontado sobre o aspecto de mecanicidade. Assim, o efeito gerado irá depender do contexto de criação, inserção e, no caso do meme, reprodução. O contexto do enunciado é o que determina o propósito de um discurso, ou seja, “um texto só faz sentido para alguém que nele vê sentido, alguém que é capaz de inferir essas relações de sentido na ausência de marcadores explícitos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 113).

Como um dos elementos da prática discursiva, a coerência está ligada à interpretação, e necessita que o sujeito seja capaz de fazer conexões a fim de compreendê-lo (FAIRCLOUGH, 2001). O discurso é formado socialmente e, portanto, também é alterado e influenciado pelos diversos enunciados com os quais tem contato.

A capacidade de conectar o texto com ideias prévias pode ser associada a outro aspecto do discurso, chamado de intertextualidade (FAIRCLOUGH, 2001). Fairclough a distingue entre “intertextualidade manifesta” e “intertextualidade constitutiva” (ou “interdiscursividade”) (2001, p. 152).

A intertextualidade manifesta vem de uma análise que “recorre explicitamente a outros textos específicos em um texto” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 152), ou seja, encontra pedaços de textos comuns no texto analisado. Já o aspecto da interdiscursividade identifica que um texto sofre influência de diversos discursos consumidos ao longo de uma trajetória individual, ou de discursos familiarizados para o

coletivo - portanto, nenhum discurso é completamente original ou “puro” (FAIRCLOUGH, 2001).

Portanto, à medida que as alterações acontecem no processo de reprodução dos memes, passa-se a exigir um letramento específico para acompanhá-las. O letramento memético vem da vivência digital e da capacidade do sujeito de relacionar os diferentes discursos com os quais tiveram contato previamente, baseando-se na interdiscursividade (FAIRCLOUGH, 2001). Assim, reconhece os efeitos de sentido pretendidos e torna-se participante ativo da produção cibercultural.

Por meio da análise do meme como figura discursiva, esse formato revela possíveis caminhos que influenciaram sua estruturação, auxiliando a compreensão dos discursos que moldam o ambiente que eles perpassam, com ênfase na realidade discursiva ciberespacial.

O sujeito que cria o meme não tem intenção de ser visto, mas se mostra a partir do discurso inserido em sua produção (NAEDZOLD e COSTA, 2021). É a partir desse discurso que ele explicita suas necessidades, vieses e opiniões, e gera engajamento a partir da identificação do público alcançado. Portanto, no que condiz a pesquisa, a análise discursiva será uma forma de compreender a pretensão do objeto examinado a partir da exploração dos atravessamentos dos dois conceitos no meme.

3. Metodologia

Para coleta do corpus, o presente artigo se baseia na pesquisa documental de Gil (2008), uma vez que pretende compreender os efeitos gerados a partir dos memes, documentos digitais compartilhados nas redes sociais.

Como os memes são objetos virais e transmidiáticos, que sofrem contribuições distintas por usuários diversos, torna-se difícil delinear suas origens. Portanto, quanto à coleta de informações sobre o corpus selecionado, foi preciso basear-se em sites de caráter não científico, como o *Know Your Meme*, uma plataforma que reúne informações essenciais sobre a criação e processo de reprodução dos memes explorados.

Dessa forma, foram selecionados dois memes que ilustram como os aspectos do terror podem ser utilizados com caráter humorístico, uma vez que identificado como

paródia. Assim, tem-se o meme do Trollface, uma *rage comic* de humor que se tornou popular na internet em 2009, como o meme base ou objeto original, e sua reprodução memética, o Trollge, como meme paródia, que usa elementos do terror nesse processo.

Por ser um meme antigo, altamente reproduzido e consolidado nos estudos meméticos e na rede on-line, a fonte originária do meme Trollface não foi encontrada. Para ele, essa informação não tem grande efeito nas análises e, portanto, a pesquisa toma como base sua página explicativa no *Know Your Meme*. Para a exploração do Trollge, o mesmo site foi utilizado; porém, suas fontes originais - as publicações nas plataformas iFunny e Reddit - têm grande relevância, por ainda serem ativas e recentes, uma vez que as primeiras referências ao meme ocorreram em 2020.

Pretendendo-se explorar o caráter humorístico do uso do terror como paródia e, principalmente, da importância do reconhecimento interdiscursivo dos memes para a compreensão de seus objetivos, foi escolhido o método da Análise Crítica do Discurso de Fairclough (2001), de modo a abordar a intencionalidade das reproduções meméticas a partir de informações como seu ambiente de origem e de reprodução, além dos sujeitos por trás desse processo. A análise desse formato como figura discursiva é essencial, uma vez que “compreender o meme como discurso é olhar para as determinações sócio históricas, além de entender que esse produz sentidos entre os sujeitos que os criam, recebem, compartilham ou não” (NAEDZOLD e COSTA, 2021, p.5).

Assim, foi contraposto o formato original, Trollface, à sua reprodução, Trollge. Foram analisados seus contextos de criação e publicação, bem como a intenção por trás de seus discursos de acordo com esses fatores.

Ao estudar o meme Trollge a partir das lentes das conexões entre o humor e o terror, foi possível avaliar que ele é construído a partir de elementos da estranheza de Jentsch (1906) e Freud (1990), mas que objetiva o riso através da paródia de Bergson (1983). Com isso, percebeu-se que não é possível observar a reprodução memética por si só sem considerar seus possíveis objetivos e, principalmente, sem ter o contato prévio com o material original ou meme base - na análise, Trollface.

Por fim, foi possível identificar a função do letramento discursivo memético para a compreensão dos memes. A partir disso, pode-se concluir que o atravessamento

O Trollface passou a ser utilizado em diferentes reproduções meméticas e foi classificado como uma *rage comic*, termo que reúne os desenhos de expressões engraçadas, desenhadas no paint, que foram utilizadas em diversos contextos entre 2009 e 2012. Portanto, é um forte elemento cibercultural (LÉVY, 1999).

Figura 2 - O Trollface



Fonte: Página sobre o Trollface no site *Know Your Meme* (2009)

As *rage comics* ressurgiram em 2020 como paródias. Seus formatos originais perderam o efeito gerador de humor e, após caírem em desuso, com anos sem viralização, eles retornaram como uma zombaria de si mesmos, na tentativa de retomar a comicidade (BERGSON, 1983).

O meme Trollface teve diversas reutilizações e readaptações. Porém, é o objeto de análise da presente pesquisa por conta do rumo ambíguo que uma das suas reproduções tomou. Um dos formatos paródicos desse meme não foi associado diretamente ao aspecto humorístico, mas utilizou dos aspectos do terror para despertar o interesse, com a criação do Trollge, como um “Trollface do mal”.

Segundo o site *Know Your Meme*, a postagem original do meme que se tornou o Trollge tem origem desconhecida, mas seu registro mais antigo foi postado na plataforma iFunny em 2020 pelo usuário JolyneC. O vídeo constitui uma montagem do Trollface parcialmente escurecida, na qual o personagem abandona sua feição sorridente original e reproduz uma expressão séria.

Figura 3 - Frame do vídeo indicado como a origem do Trollge



Fonte: Página sobre o Trollge no site *Know Your Meme* (2020)

O sombreado e a mudança de humor da reprodução se opõem ao meme original, sorridente e brincalhão. Há um aspecto de desconforto ao observar a mudança de expressão de um personagem originalmente considerado estático. Assim, utiliza-se da estranheza abordada por Jentsch (1906) e Freud (1990) ao romper bruscamente com a personalidade antes conhecida e, assim, por depositar em um personagem inanimado a capacidade de processar sentimentos humanos.

O site iFunny, no qual se encontra a mais antiga reprodução da Figura 3, tem a função de reunir imagens, vídeos e GIFs engraçados que viralizam na internet. Esse é um fator que já pode ser considerado um indicativo da intenção por trás da criação da primeira versão do Trollge. No entanto, a fonte original do meme é desconhecida, e as intenções do criador ou reprodutor não são definidas com facilidade. Exploremos, então, uma reprodução do Trollge melhor solidificada.

Figura 4: Countdown do Trollge (2020)



Fonte: Postagem de unfunny_man123 no Reddit (2020)

A imagem acima foi postada em 2020 pelo usuário unfunny_man123 no Reddit, dentro do fórum r/196. Segundo a descrição do canal, ele reúne publicações de *shitpost*, postagens de cunho irônico e humorístico na internet. A conta responsável pela imagem foi suspensa e, portanto, não é possível observar suas características específicas. Assim, toma-se como base central a escolha do local de publicação.

A Figura 4 reproduz a versão séria e obscura do Trollface apresentada na Figura 3. No entanto, um texto é adicionado em união a uma contagem regressiva. Na tradução para o português, lê-se: “O Trollge está chegando. Procure abrigo antes que o Trollface seja liberado. Qualquer tentativa de resistência é inútil.” Por fim, aparece a contagem de “dias restantes: 5”, como um alerta.

Esse é o primeiro momento em que a imagem macabra do Trollface é referenciada como Trollge. Junto ao nome, a frase traz ameaça e ficcionaliza sua existência, transformando-o em um personagem com ações reais e “humanizado”, prosseguindo com a utilização da estranheza. Assim, também consolida-o como um monstro, uma das bases essenciais para o gênero do terror, como define Carroll (1999).

Com isso em mente, o meme Trollge quase fica preso na indecisão entre humor e terror. No entanto, suas redes de publicação e reprodução podem clarificar suas intenções. Como supracitado, o fórum r/196 tem como objetivo reunir publicações de *shitpost* e, por mais que o termo eventualmente abranja memes ofensivos e agressivos, a produção desse tipo de conteúdo sempre objetiva o humor.

Portanto, mesmo que utilize aspectos comuns ao terror, como a perspectiva da estranheza ou a personificação do monstro, o Trollge continua sendo definido como uma reprodução memética humorística. Dessa forma, pode-se associá-lo à definição de Bergson (1983) sobre a paródia, na tentativa de retomar em 2020 o humor originalmente despertado pelo Trollface em 2009.

A estética de Trollge antagoniza a do Trollface, ao mesmo tempo que preserva os elementos necessários para realizar a associação entre os dois memes. Ao violar a estética do meme base, a reprodução memética pauta parte do seu humor em sua intertextualidade manifesta (FAIRCLOUGH, 2001), ou seja, na capacidade de identificar o texto original.

Mesmo que essa associação passe despercebida para internautas que não tem esse conhecimento, quem identifica a base da criação do segundo meme consegue identificar o sentido humorístico presente nele, apesar das influências do terror. Conseqüentemente, esse sujeito apresenta um letramento memético que permite relacionar os diversos discursos digitais com os quais tiveram contato anteriormente com maior facilidade e, assim, identificar as intenções da produção.

Desse modo, é possível supor que o usuário criador do Trollge também faz parte do grupo inserido na cibercultura, uma vez que o Reddit, plataforma na qual o meme foi postado, não oferece monetização para colaboradores. Portanto, sua criação e publicação teria como objetivo atingir um grupo específico detentor do letramento memético, inserindo o autor como membro pertencente a ele e reforçando um discurso humorístico intertextual.

Foi a partir da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001), com a abordagem sobre a origem da reprodução memética intitulada Trollge, que tornou-se possível identificar claramente sua intencionalidade. Mesmo que o humor e o terror se diferenciem por diversos aspectos, eles podem se entrelaçar sem o devido contexto de reprodução, como acontece no corpus analisado.

Assim, casos como esse ilustram a necessidade de reconhecer as características dos discursos expostos por meio dos memes para se integrar plenamente ao meio cibercultural.

5. Conclusões

A pesquisa realizada toma consciência sobre as sobreposições entre o terror e o humor, e como os sujeitos podem utilizar aspectos da estranheza objetivando a produção - ou, no caso da paródia, a retomada - da comicidade. Ademais, realça a importância do contexto e da análise discursiva para a compreensão dos objetivos do sujeito ao reproduzir um formato de uma maneira específica.

Na pesquisa realizada, Trollge não consegue existir sozinho. Essa reprodução memética só consegue atingir seu objetivo de criação a partir do reconhecimento de sua origem, o Trollface. Assim, os elementos do terror são apenas um meio de alcançar o

objetivo paródico e de romper com a estética do meme original sem perder suas características intertextuais.

Estudar o papel do humor e da intertextualidade num contexto geral implica no entendimento de sua influência para a compreensão profunda dos formatos meméticos. Concomitantemente, a análise dos memes consolida a função desses estudos para uma inserção plena no contexto cibercultural.

Conclui-se que a experiência dentro do meio digital tem influência na compreensão de um meme, uma vez que ele sempre está dentro de um contexto cibercultural e, assim, forma um letramento específico - o letramento memético. Da mesma forma, para que o indivíduo participe ativamente da cibercultura, ele precisa estar a par desse letramento.

Logo, é importante destacar o poder da análise memética para a compreensão de fenômenos digitais e, até mesmo, de origem literária, como a paródia. Ao mapear o caminho da reprodução de um meme, é possível observar os diversos discursos que o perpassam e o alteram. Assim, podem ser fonte para diversos estudos sobre diferentes temas, e o conhecimento de seus processos se torna muito importante para os pesquisadores da área da comunicação, principalmente da comunicação digital.

REFERÊNCIAS

- BERGSON, H. **O Riso**: ensaio sobre a significação do cômico. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- CARROLL, N. **Horror and Humor**. The Journal of Aesthetics and Art Criticism, Vol. 57, n. 2, p. 145-160, 1999.
- CHAGAS, V. **Da memética aos memes de internet**: uma revisão da literatura. BIB, São Paulo, nº 95, mar. 2021.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Ed. UnB, 2001.
- FREUD, S (1919). **O Estranho**. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.
- JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. Aleph, 2008.
- JENTSCH, Ernst. **On the psychology of the uncanny**. Psychiatrisch-Neurologische Wochenschrift. v. 8, n. 22, p. 203-05, 1906.

KNOW YOUR MEME. **Trollge**. Disponível em: <<https://knowyourmeme.com/memes/trollge>>. Acesso em: 10 jun. 2024.

KNOW YOUR MEME. **Trollface**. Disponível em: <<https://knowyourmeme.com/memes/trollface>>. Acesso em: 10 jun. 2024.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 2003.

NAEDZOLD, S.; COSTA, D. **Memes: efeitos de sentido nas redes sociais**. Dossiê novo normal (?): artes e diversidades em isolamento, REVELLI, vol. 13, 2021.

SHIFMAN, L. **Memes in a Digital Culture**. Cambridge: The MIT Press, 2014.